

# **Influência das identidades de adolescentes periféricos na construção do endereçamento de um vídeo sobre o movimento antivacina**

## **Influence of the identities of peripheral adolescents in the construction of the addressing of a video on the anti-vaccine movement**

**Luciana Ferrari Espíndola Cabral**  
CEFET-RJ e NUTES-UFRJ  
luciana.cabral@cefet-rj.br

**Luiz Augusto Coimbra de Rezende Filho**  
NUTES-UFRJ  
luizrezende@ufrj.br

**Américo de Araújo Pastor Júnior**  
NUPEM-UFRJ  
americopastor@nupem.ufrj.br

### **Resumo**

O presente estudo tem por objetivo analisar a produção de um vídeo sobre o movimento antivacina. Os produtores da obra são estudantes de uma escola pública no subúrbio do Rio de Janeiro. Buscou-se compreender de que modo estudantes incluem ou excluem identidades na construção do endereçamento de vídeos por eles produzidos, o que nos levou à busca da caracterização das relações possíveis entre identidade, adolescência, endereçamento, e lugares de fala. Para o estudo da produção foi realizada a análise fílmica e uma entrevista com os produtores. Esta última foi examinada de acordo com a análise de conteúdo de Bardin. Os resultados indicam que o vídeo foi endereçado para outros adolescentes com a tentativa de promover relações de verossimilhança entre a localização social dos produtores e de seus potenciais espectadores.

**Palavras chave:** produção de vídeo, endereçamento, identidade, lugar de fala, movimento antivacina, adolescentes.

### **Abstract**

The present study aims to analyze the production of a video on the anti-vaccine movement. The producers of the work are students of a public school in the suburb of Rio de Janeiro. We sought to understand how students include or exclude identities in the construction of the addressing of videos produced by them, which led us to search for the characterization of the possible relationships between identity, adolescence, addressing, and places of speech. For the study of production, film analysis and an interview with producers were carried out. The latter was examined according to Bardin's content analysis. The results indicate that the video was

addressed to other adolescents in an attempt to promote verisimilitude relations between the social location of the producers and their potential viewers.

**Key words:** video production, addressing, identity, place of speech, anti-vaccine movement, adolescents

## Introdução

Neste trabalho analisamos a produção de um vídeo sobre um tema sociocientífico, o movimento antivacina, realizada por adolescentes, estudantes do ensino médio técnico em uma escola pública no subúrbio do Rio de Janeiro e endereçada a sua comunidade escolar. Dados apontam que graças à disseminação de *fake news* associadas à vacinação, a cobertura vacinal tem diminuído nos últimos anos levando a re-emergência de doenças anteriormente controladas (Beltrão *et al.*, 2020). Para além desse fato, a pandemia que nos atingiu logo após a realização deste estudo deixou mais evidente ainda que a conscientização da população sobre a importância da vacinação em massa é de extrema relevância. Neste sentido, a educação formal deve criar condições para formar cidadãos capazes de construir conhecimentos que lhes permitam se posicionar com base científica diante dos debates da contemporaneidade. Dentre esses debates, a discussão de temas sociocientíficos tem sido capaz de favorecer a participação ativa dos estudantes ao problematizar os conteúdos disciplinares das Ciências, considerando sua dimensão política e suas implicações sociais (PÉREZ, 2012).

Ao observar os estudantes produtores do vídeo analisado, buscamos considerar as múltiplas identidades que atravessam seus corpos, e que eles falam, prioritariamente, a partir de seu universo adolescente, trazendo para as suas narrativas questões típicas dessa faixa etária. Aspectos determinantes na construção de suas narrativas os levam a incluir ou excluir temáticas na narrativa e no endereçamento de suas obras, tais como seu posicionamento político e seu reconhecimento como jovens da periferia. Além disso, é notável a sutileza com a qual são capazes de expressar questões étnico-raciais, sexualidade e empoderamento feminino, trazendo elementos de sua localização social, ao falar a partir do lugar determinado que ocupam na sociedade. Nosso interesse está em compreender as estratégias de inclusão e exclusão de identidades que os alunos/produtores utilizam na construção do endereçamento do vídeo produzido.

## Marco Teórico

Para Freire Filho (2007), as identidades são construções culturais e não entidades substanciais preestabelecidas, social ou biologicamente. Woodward (2019) afirma que a identidade é marcada pela diferença. Segundo a autora, a marcação simbólica é a forma como se define quem é incluído ou excluído, em pelo menos dois grupos em oposição: “nós e eles”. Logo, a identidade “*não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença.*” (p. 40), e está intimamente relacionada às relações de poder e aos sistemas de representação. Existe um exercício de poder na administração do que se torna visível, ou não, por meio do universo midiático-imagético (HALL, 2016). Podemos tomar como exemplo as produções do cinema hegemônico que, ao priorizarem um universo masculino e/ou branco para a construção de suas obras, dificultam a perspectiva da identificação para os espectadores do gênero feminino e/ou negros (as), reafirmando uma relação de poder na qual o homem branco é o sujeito digno de ser o público-alvo dos conteúdos produzidos. Para Kaplan (2010), o aparato do cinema

dominante é construído pelo e para o público masculino. hooks (1992) demonstra como as produções audiovisuais, historicamente, trabalham com um racismo tácito e explícito. Em ambas as situações o que se verifica é a manifestação de poder de grupos hegemônicos em relação a um “outro” subalternizado.

Ribeiro (2019) afirma que a alteridade é uma categoria fundamental do pensamento humano, e nenhuma coletividade se define como “uma” sem colocar imediatamente “outra” diante de si. Assim, o adolescente pode ser entendido como “outro” ao ser colocado diante da criança e/ou do adulto. “*É uma fase da vida em que não se é criança, nem adulto*” (PEREIRA; ROCHA e PEREIRA, 2009, p.7) e sim a negação simultânea desses dois outros estágios. A respeito da visão hegemônica sobre adolescência na produção audiovisual, o exposto por Coutinho e Quantieiro (2010) apresenta uma visão estereotipada a respeito da juventude, devido à manutenção de clichês, como a suposta rebeldia e inconsequência dos jovens, e também à representação caricata de personagens adultos presentes na série *Malhação*. O trabalho de Bastos, Rezende Filho e Pastor Júnior (2015) aponta como essa visão estereotipada da identidade do adolescente durante o momento da concepção de um vídeo pode prejudicar o reconhecimento do endereçamento e a ocorrência da leitura preferencial da mensagem pretendida pelos produtores.

A maioria das escolhas de recursos e estratégias utilizadas em uma produção audiovisual são realizadas em função de pressuposições sobre a audiência. A isso, Ellsworth (2001) chama de endereçamento. Ao identificar-se com um sistema de imagens e/ou personagens o espectador entende que esse audiovisual fala com ele. A construção das identidades expressas nas representações cria endereçamentos a determinadas camadas do público. Essa determinação de quais identidades poderão ser construídas em um produto audiovisual é uma manifestação de poder dos produtores.

De acordo com Woodward (2019, p. 18) “*os discursos e os sistemas de representação constroem lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar*”. Este pensamento nos remete à conceituação de lugar de fala. Para Ribeiro (2019), lugar de fala trata da ideia de que todas as pessoas falam, a respeito de qualquer assunto, a partir de sua localização social. O conceito de lugar de fala parte da premissa de que “*o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas*” (RIBEIRO, 2019, p. 69). Essa conceituação pretende refutar uma suposta universalidade das falas sobre a mesma temática, ao promover uma multiplicidade de vozes.

Logo, se o modo de endereçamento de um produto audiovisual se relaciona com as pressuposições de seus autores sobre a audiência, e o lugar de fala de um autor faz com que cada pensador elabore seus textos a partir de sua localização social; esse lugar de fala, oriundo das vivências dos autores, é constitutivo da criação de marcas de endereçamento, capazes (ou não) de favorecer determinadas leituras de suas obras por suas audiências. Cabe aqui uma atenção especial à audiência que possui vivências semelhantes àquelas experienciadas pelos produtores. As pressuposições desses autores sobre essa audiência partirão de uma proximidade real, caso os autores e espectadores/leitores tenham uma maior proximidade na ocupação desses lugares de fala. Isso poderá facilitar a leitura da mensagem endereçada de forma mais próxima à que foi idealizada pelos produtores, porque essa se dará possivelmente sem conflitos e sem resistências, segundo códigos semelhantes. Todavia, temos em vista as diferentes possibilidades de leitura que eventualmente poderão ser expressas pela audiência.

É importante que possamos entender que as formas como as pressuposições sobre a audiência são realizadas e os lugares de fala são ocupados pelos produtores interferem na inserção de determinadas marcas de endereçamento em um vídeo. Por meio desse entendimento podemos compreender como a inclusão ou a exclusão de determinadas identidades e de estereótipos a

elas relacionados podem interferir nas leituras realizadas pelos espectadores.

## Procedimentos Metodológicos

Apresentamos como proposta de pesquisa uma investigação sobre os diferentes aspectos que o aluno/produtor evoca para a formulação de uma narrativa que seja capaz de, simultaneamente, comunicar um conteúdo científico e conseguir a atenção de sua audiência, essencialmente adolescente.

Após a identificação do endereçamento e do significado preferencial do vídeo “Consequências”, de 2019, com duração de 5 minutos (CABRAL *et al.*, 2021), foi realizada uma entrevista semiestruturada, formada por 14 questões abertas, com cinco estudantes produtores da obra, sendo duas meninas (uma delas autodeclarada negra) e três meninos por meio de videoconferência, a fim de compreender as intenções dos produtores na caracterização das personagens e a dinâmica do processo criativo. Essa entrevista foi gravada, transcrita e analisada a partir da análise de conteúdo de Bardin (2016).

## Resultados e Discussão

Através da análise realizada por Cabral *et al.* (2021), podemos observar que o vídeo “Consequências”, mostra como uma *fake news*, enviada por *WhatsApp* incentiva a não-vacinação de uma criança, provocando sua morte e alterando trajetórias de vidas. No curta-metragem, um casal de namorados adolescentes e suburbanos (Isabel e Augusto) descobre que terão um bebê no ano em que fariam o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Logo após o nascimento da criança, o casal recebe uma mensagem do avô paterno que, influenciado pelo filósofo Olavo de Carvalho, recomenda a não-vacinação da neta, que vem a morrer de sarampo anos depois. O casal se separa e a mãe volta a estudar, se forma médica e pesquisadora e abre uma fundação em prol da vacinação.

As marcas de endereçamento presentes no vídeo, como o protagonismo de adolescentes e a narrativa que envolve a preocupação com o ENEM e a gravidez na adolescência de uma jovem negra e periférica, além da culpabilização de adultos pela produção e distribuição de uma *fake news*, são evidências de um esforço para incluir um público jovem suburbano e preferencialmente feminino, e excluir os adultos por meio das temáticas abordadas (CABRAL *et al.*, 2021). Os resultados a seguir apresentam uma continuidade da pesquisa a respeito desse vídeo.

A partir de uma leitura flutuante, intuitiva, aberta a todas as ideias, reflexões e hipóteses, da entrevista realizada com alunos/produtores, estabelecemos como unidade de registro o tema. Para Bardin (2016), a análise temática compreende a descoberta dos núcleos de sentido que compõem uma comunicação, possuindo um objetivo analítico. É muito utilizada para a análise de entrevistas, possibilitando a compreensão de motivações, opiniões, atitudes, valores e crenças.

**Tabela 1:** Temas observados na obra audiovisual segundo a análise de conteúdo

Nº	Tema observado
1	Negacionismo da ciência
2	Gravidez na adolescência
3	Relação entre pobreza, negritude e mazelas sociais
4	Busca de verossimilhança com a realidade de adolescentes suburbanos
5	Protagonismo e empoderamento feminino

**Fonte:** Os autores (2021).

### 1-Negacionismo da ciência

A análise nos mostra que os produtores criaram uma narrativa que evita um didatismo ao privilegiar exibir os prejuízos de uma postura negacionista em relação à ciência, discutindo prioritariamente esse ponto ao invés de especificidades do movimento antivacina, o que pode ser observado nas falas:

*“infelizmente representa a sociedade, né, porque tem muita gente ainda em pleno século vinte um que é contra a vacina”*  
(Aluno/Produtor A)

*“Tem gente que tem acesso à informação e decide segui-la e tem outra parte da sociedade que decide negar por convicções próprias e sem embasamento científico”* (Aluno/Produtor A)

Isto nos remete à importância da discussão dos temas sociocientíficos na escola, considerando sua dimensão política e social, como exposto por Pérez (2012).

### 2-Gravidez na adolescência

Entre as diversas possibilidades narrativas, os alunos escolhem representar a gravidez de uma adolescente. Segundo os produtores, essa não foi a primeira opção de roteiro, mas para eles a *“gravidez na adolescência é uma pauta que tá muito presente na vida de muitas garotas, né, e garotos também”* (Aluno/Produtor A). Dessa forma eles buscaram construir um enredo capaz de *“fazer uma construção mais rica e não trazer apenas um tema que fosse a antivacina e sim a gravidez na adolescência e até mesmo a presença ou a não presença do pai na maternidade quando é realizada na adolescência, né!”* (Aluno/Produtor A). Essa é uma clara tentativa de aproximação do enredo com o universo adolescente, por meio de uma de suas angústias (a possibilidade de uma gestação não-programada).

### 3-Relação entre pobreza x negritude e mazelas sociais

Ao serem questionados a respeito da caracterização da personagem principal, uma jovem negra e periférica que engravida durante o ensino médio, os produtores admitem que, embora a principal razão da escolha da protagonista tenha sido estética (a maior passabilidade da atriz no papel de mãe), uma outra razão se deve ao fato de, na percepção deles, a gravidez na adolescência ocorrer com maior frequência na parcela menos abastada da população, em que o fenótipo “negro” é mais frequente, o que também favorece a verossimilitude da caracterização da personagem. Isto pode ser expresso nas seguintes falas:

*“tem duas razões pra isso. A primeira segue essa linha de raciocínio*

*que a gente já tava falando porque a gente sabe que a população negra no Brasil é a maior parte tá em uma classe social mais favorecida por conta do preconceito da sociedade e por conta da carga histórica e traz junto.” (Aluno/Produtor D)*

— *“É menos favorecida você quis dizer ou...” (Pesquisadora)*

— *“É, menos favorecida, desculpe. É uma outra questão é que a ‘Aluna/Produtora E’ por ser um pouco mais nova e por aparentar ser um pouco mais nova a gente preferiu escolher ela pra ser a filha da ‘Aluna/Produtora B’” (Aluno/Produtor D).*

#### 4- Buscam de verossimilhança com a realidade de adolescentes suburbanos.

Os alunos produtores esclarecem que tentaram reproduzir, no vídeo, vivências comuns aos adolescentes de seu entorno. A tentativa de construir personagens que possuam características e vivências semelhantes àquelas dos produtores e do público-alvo não só é uma manifestação de poder, visto que os produtores têm a possibilidade de escolher as identidades que desejam representar ou excluir nessa obra, como exposto por Hall (2016), como também sofre a influência do lugar de fala (RIBEIRO, 2019) ocupado pelos alunos/produtores. Eles se inspiram na própria realidade para a construção do endereçamento da obra, em uma clara tentativa de aproximação com seus espectadores, que assim como eles são adolescentes suburbanos. Dois alunos/produtores falam sobre isso, como podemos observar nas passagens a seguir:

*“Eu falei disso dessa forma que eu abordei levando em consideração o meu ciclo social, a minha bolha, é muito comum a gente ver isso acontecendo sabe, eu sou uma menina que não moro na Zona Sul, eu moro na Zona Norte do Rio de Janeiro num bairro que não é tipo dos mais tranquilos” (Aluna/Produtora B).*

*“A questão que ele recebeu essa fake news, se não me engano do pai dele, num WhatsApp, né, e eu achei interessante ter vindo de um adulto essa notícia, porque, falando pela minha bolha eu acredito que as pessoas com mais idade tem uma tendência maior a acreditar nas notícias vindas via WhatsApp porque muitas pessoas com mais idade não sabem como funciona algumas tecnologias” (Aluno/Produtor D).*

#### 5- Protagonismo e empoderamento feminino

Considerando que as identidades expressas nas representações criam endereçamentos a determinadas camadas do público (ELLSWORTH, 2001), e que a determinação de quais identidades serão expressas é uma manifestação de poder dos produtores (HALL, 2016), o fato de uma das roteiristas desse vídeo ser uma menina negra e de os produtores em diversos momentos da entrevista terem ressaltado o desejo de expressar aspectos de suas realidades pode ter levado a essa construção desse vídeo protagonizado por uma mulher (negra), que se empodera e assume o papel de heroína na trama. Tal fato contraria as perspectivas misóginas (e racistas) expressas rotineiramente pelo cinema hegemônico (KAPLAN, 2010; HOOKS, 1992) e pode ser observado na fala a seguir:

*“sobre abordar pautas importantes da sociedade mais uma coisa que tá muito claro pra mim no filme que é um empoderamento feminino*

*que acabou tipo, saindo sem querer ali sabe, não é pra falar sobre isso, mas a gente vê que a mulher realmente tomou tipo, as atitudes principais ali, ela que decidiu, ela que tomou, tomou a frente de várias situações” (Aluna/Produtora B).*

Vale ressaltar que ainda que a negritude não esteja expressa nessa fala, ela é inevitavelmente expressa no fenótipo da personagem e poderá ser notada pela audiência.

## Considerações Finais

Os resultados indicam que houve uma busca pela construção de verossimilhança pelos produtores, sobretudo na construção das personagens, buscando superar estereótipos relacionados ao adolescente. Essa foi uma das principais estratégias para a construção do endereçamento da obra. A narrativa escrita por e para adolescentes periféricos é construída a partir da localização social dos alunos/produtores e exibe questões relativas ao seu universo, destacando a importância da manifestação do lugar de fala dos produtores na produção audiovisual.

Por meio da inclusão, pelos produtores, de temáticas consideradas comuns aos adolescentes periféricos, evitando a polarização entre a heroína e qualquer outro personagem, eles esperam que a obra não sofra uma rejeição de seus potenciais espectadores. A entrevista demonstra a preocupação dos produtores em criar um endereçamento amplo capaz de evitar leituras de oposição pela audiência. Todavia, apenas um futuro estudo de recepção nos mostrará se essa expectativa será alcançada.

## Apoios

Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro - FAPERJ  
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq

## Referências

BARDIN, Laurence, **Análise de conteúdo**: tradução de Luiz Antero Reto e Augusto Pinheiro - São Paulo: Edições 70, 2016.

BASTOS, Wagner. Gonçalves; REZENDE FILHO, Luiz. Augusto Coimbra de; PASTOR JÚNIOR, Américo de Araújo. Produção de vídeo educativo por licenciandos: um estudo sobre recepção fílmica e modos de leitura. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências**, vol. 17 n. 1, 2015, p. 39-58

BELTRÃO, Renata Paula Lima; MOUTA, Alba Angélica Nunes; SILVA, Nickolas Souza; OLIVEIRA, Jocerone Emerson Nogueira; BELTRÃO, Ilvanete Tavares; BELTRÃO, Camila Maila Fontinele; FONTENELE, Sâmara Moreira; SILVA Augusto César Beltrão da. Perigo do movimento antivacina: análise epidemio-literária do movimento antivacinação no Brasil. **Revista Eletrônica Acervo Saúde / Electronic Journal Collection Health** Vol.12(6), p.2-8, 2020.

CABRAL, Luciana Ferrari Espindola; REZENDE FILHO, Luiz Augusto de Coimbra; PASTOR JUNIOR, Américo de Araujo Pastor A.; PEREIRA, Marcus Vinicius. Estudo da

produção de vídeos sobre temas sociocientíficos por alunos do ensino médio. **Revista Valore**, Volta Redonda, 6 (Edição Especial): 1225-1237, 2021.

COUTINHO, Lídia Miranda; QUARTIEIRO, Elisa Maria. O merchandising social em Malhação: estratégias socioeducativas para adolescentes. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 39, n. 25, p. 84-107, set./dez. 2010.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. – Rio de Janeiro: Ed PUC-RIO: Apicuri, 2016. 260 p.

HOOKS, Bell. The oppositional gaze: Black female spectators. In **Black Looks: Race and Representation**: South end Press, 1992, 115-131.

KAPLAN, Ann. Is the gaze male? In: **The Film Theory Reader - Debates and arguments**. Edited by Marc Furstenuau: Routledge, 2010, 209-221.

MULVEY, Laura. Reflexões sobre “Prazer visual e cinema narrativo” inspiradas por *Duelo ao Sol*, de King Vidor (1946). In: **Teoria contemporânea do cinema**, volume I/ Fernão Pessoa Ramos, org. – São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.

PEREIRA, Cláudia; ROCHA, Everaldo; PEREIRA, Miguel. M. Tempos de juventude: ontem e hoje, as representações do jovem na publicidade e no cinema. **Alceu** - v. 10 - n.19 - p. 5 a 15 - jul./dez. 2009.

PÉREZ, Leonardo Fabio Martinez. **Questões sociocientíficas na prática docente**: ideologia, autonomia e formação de professores. São Paulo: Editora UNESP, 2012. 359p.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de Fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Pólen, 2019. 112p.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz. Tadeu. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**/Tomaz Tadeu da Silva (org.) Stuart Hall, Kathryn Woodward. 15. Ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 5ª reimpressão. 2019.